



José Eduardo Agualusa e o cânone literário angolano

Carlos Batista Bach*

Resumo: A proposta desse trabalho é discutir de que forma se pode perceber a construção de um cânone literário angolano e a inserção do autor José Eduardo Agualusa nesse cânone. Nesse caminho, é preciso que se faça uma breve exposição do que se conhece da história de Angola, país que só se tornou independente em 1975, tendo, até então, sido colônia de Portugal.

Palavras-chave: Agualusa; cânone; Literatura Angolana; historiografia.

Abstract: The proposal of this paper is to discuss how we can perceive the construction of an Angolan literary canon, as well as the introduction of José Eduardo Agualusa in it. In this way, it is necessary to make a brief presentation about the history of Angola, a country that became independent only in 1975, being until then a colony of Portugal.

Keywords: Agualusa; canon; Angolan Literature; historiography.

Falar sobre cânone literário e sobre história da literatura, hoje, parece quase uma luta inglória, uma vez que o que se percebe é uma ojeriza a palavras como cânone e canônico. Isso é observável nos debates dentro tanto de universidades brasileiras como de universidades europeias ou norte-americanas. Nas escritas de críticos e historiadores, há uma mistura de prós e contras à concepção de cânones literários. Mas, à parte dessa contenda, existem países que se tornaram há pouco independentes, tendo suas literaturas servido, muitas vezes, como instrumentos de protesto e de elaboração de uma construção identitária, fator esse que já é de senso comum entre historiadores e críticos de que a literatura ajuda a desenhar e fixar a identidade de uma nação. É nesse contexto que podem ser vistas as literaturas de países africanos, que buscam, atualmente, se afirmar como nações independentes, tendo uma literatura que lhes ajuda a fixar uma “identidade” (termo, também hoje, com significado um tanto deslizante).

A proposta desse trabalho é discutir de que forma se pode perceber a construção de um cânone literário angolano e a inserção do autor José Eduardo Agualusa nesse cânone. Nesse caminho, é preciso que se faça uma breve exposição do que se conhece da história de Angola, país que só se tornou independente em 1975, tendo, até então, sido colônia de Portugal.

* Doutorando em Letras/UFRGS. Mestre em Letras/Literatura Brasileira, Portuguesa e Luso-Africanas pela UFRGS.

A história de Angola não é diferente da de outros países do continente africano que tiveram sua soberania vilipendiada pelo colonizador europeu. Foram muitas lutas e mortes desde que os seus algozes pisaram em suas terras. Isso se deu por volta do século XV, quando adentraram em solo angolano os desbravadores portugueses. Desde esse momento, o rumo da história de Angola estava alterado, manchado por inúmeras guerrilhas e resistências àquele que lhe usurpava a sua terra e os seus filhos. O tráfico de escravos para Portugal e para o Brasil foi intensificado e acabou por tirar de Angola muitos de seu povo. Acabada a escravidão formal, Angola entra num período de escravidão intelectual, em que depende de seus opressores para constituir seu governo. Com a independência, o território angolano conquista sua autonomia, mas seus governantes muitas vezes passam a copiar o regime de governo usado pelo colonizador, imitando àqueles a quem repudiavam. Hoje, Angola vive um momento de reencontro com a sua história, com sua gente, com sua tradição. Essa brevíssima revisão do contexto angolano, faz-se necessária para que se possa imaginar a literatura que se constrói nesse país e para que se possa, igualmente, perceber que a literatura angolana serviu e serve como legitimadora desse estado-nação. Claro, não mais com a idéia de um estado-nação homogêneo, mas multifacetado, alargado pelas inúmeras formas de ser angolano, sem perder de vista sua angolanidade.

Assim, a história literária desse país inicia-se, segundo pesquisadores, como Antonio Filipe Soares e Salvato Trigo, no século XV, marcado pela oralidade. A escrita em língua portuguesa só é registrada pelos críticos no século XVII. Já no século XVIII são registrados os relatos de viajantes por Angola. Data de 1849, segundo Antonio Filipe Soares (1983), a primeira obra poética elaborada por um angolano. Logo em seguida, em 1872, o “Almanach de lembranças luso-brasileiro”, feito em Portugal, começa a incluir em suas páginas poesia e prosa de autores angolanos. A imprensa livre também favorece o aparecimento de novos escritores.

No entanto, tudo isso ocorre num contexto do colonialismo que só vai ter fim em 1975, com a independência angolana; que teve como fomentadora a própria literatura que se recheava de apelos à angolanidade e à necessidade de ser o dono de sua própria terra, de ser livre em seu país. Escritores como Agostinho Neto (que depois foi o primeiro presidente de Angola), Pepetela, Craveirinha, Luandino Vieira ajudaram a construir uma forte resistência ao domínio dos portugueses em terras angolanas.

Nessa perspectiva da urgência, entende-se porque muitos pesquisadores têm elencado obras e escrito sobre a história literária angolana, a fim de criar e fixar um cânone literário desse país. Mas, como em todo cânone, parte-se de uma seleção feita pelo crítico/leitor, que

elege critérios para escolha deste e não daquele autor. Em Angola não tem sido diferente, fato que tem suscitado divergências entre pesquisadores. Quem merece entrar no cânone e por quê?

O que é necessário que fique claro são os critérios para a escolha de determinados autores em detrimento de outros; como, por exemplo, os critérios para eleger obras que devem compor um cânone angolano, elencados por Luis Kadjimbo, crítico e escritor angolano. Escrevendo sobre a formação de um cânone literário angolano, no site da União dos Escritores Angolano (UEA), ele diz pautar-se pelo critério de que determinadas obras não devem fazer parte do cânone literário angolano por refletirem “a ausência dos angolanos e a negação de sua autonomia no plano ontológico”; outro critério seria de ser diferente dos cânones criados por estrangeiros que ensinam literaturas africanas. Devido a esses critérios Kadjimbo refere-se ao romance “Yaka” do escritor angolano Pepetela como uma obra que não deve fazer parte desse cânone angolano uma vez que nela, segundo sua observação, os negros servem apenas de pano de fundo para a atuação dos brancos. Essa visão de Luís Kadjimbo é criticada por Pires Laranjeira, crítico literário português e especialista em literaturas africanas:

Será *Yaka*, nesse caso um mero romance de legitimação do papel dos brancos, com algumas silhuetas negras por pano de fundo, portanto, sem representatividade social angolana uma vez que esta teria de ser sempre majoritariamente negra? Esse é o sentido do texto que Luís Kadjimbo publicou na revista *Estudos Portugueses e Africanos* da Universidade de Campinas, em que se interroga sobre poder ser um romance colonial. (LARANJEIRA, 2010)

E continua o crítico observando que

Luís Kadjimbo parece querer expulsar para a literatura colonial um romance de Pepetela, por achar que o cânone literário angolano deve contemplar textos exclusivamente com representações do mundo negro, negando à minoria branca uma expressão literária que a par de Pepetela, se encontra, por exemplo, na obra de Leonel Cosme. (LARANJEIRA, 2010)

Nesse sentido, entende-se a maneira como muitos pesquisadores têm tentado dar forma a um cânone literário angolano e escrever uma historiografia literária desse país. Mas a discussão sobre historiografia literária de qualquer país sempre suscita muita controvérsia, devido a divergências quanto à forma de se fazer tal historiografia. Não menos controverso é o postulado de um cânone literário, uma vez que tal empreendimento pressupõe uma visada sobre o universo literário de um local e a seleção de obras que seriam basilares ou representativas da literatura que ali se faz. Mas o que se impõe é o como escolher: que critérios seriam usados para elencar obras tornando-as paradigmáticas em relação a outras que ficariam de fora dessa seleção? Como dizer que os critérios utilizados são justos?

Em primeiro lugar, é preciso observar que todo cânone é fruto da visão de mundo de um crítico literário. Ou seja, o crítico cria a sua versão da história literária de um local. É através de critérios de ordem subjetiva que se estabelecem a proposta de cânones literários. Por mais que um crítico tente burlar essa afirmação, afirmando que seus critérios se baseiam no fator estético, ou na questão histórica, será sempre a sua visão sobre esse critério, é a sua forma de avaliar, de perceber esse critério em diferentes obras literárias. Assim, não se pode ser inocente e pensar que um cânone é eleito sem pretensões deste ou daquele grupo de se destacar dentro de uma sociedade. Um cânone ou uma história literária está sempre a serviço de desejos. “A escrita de histórias literárias tem sempre servido a interesses políticos, que têm sido normalmente disfarçados como intenções educacionais, culturais ou estéticas, ou mesmo como exigências quase naturais.” (SCHMIDT, 1996, p.110)

Logo, ao dizer que tal obra é canônica e que merece destaque dentro do contexto literário de um local, há que se perceber a que desejos estão sendo atendidos por esse olhar sobre ou a que grupo, muitas vezes, está aderida a matéria que constitui esse cânone; ou ainda, que ideologias podem ser percebidas a partir da leitura de tal construção crítica sobre a literatura de uma região, de um país, de um continente.

Interessante observar que quando se fala em escrever uma história literária, observa-se que a visão de um cânone não se distancia dessa escrita visto que há um entrelaçamento entre um fazer e outro. Tal fato pode ser observado na forma como são construídas determinadas histórias literárias e criados, assim, cânones literários, uma vez que os autores que recebem maior destaque dentro de uma história literária são aqueles que fazem parte de um cânone e vice-versa. Por exemplo, na “História da Literatura Portuguesa”, de Saraiva e Lopes, Eça de Queirós recebe um capítulo inteiro sobre sua obra, enquanto outros autores não mais que um parágrafo. Além disso, este grande manual da literatura portuguesa não se mostra inclinado a incluir em suas páginas novas vertentes literárias. Isso fica patente no momento em que não se incluem na edição atualizada, da referida obra, as literaturas africanas escritas em língua portuguesa. E mais, na introdução do manual é deixado claro que não se fará referência a tais obras porque não são oriundas do continente português. Não se pode dizer que isso não é um critério a considerar, no entanto, será essa maneira de perceber essa literatura construída de forma imparcial? Obviamente que não.¹ É nesse sentido que se observará a forma como determinados críticos têm tratado a história literária dos países africanos e a construção de um cânone literário representativo de cada país desse continente. Logicamente, não se tem a

¹ Não se aprofundará esse estudo sobre essa história da literatura portuguesa nesse trabalho, uma vez que não é esse o objetivo, mas sim o de falar das literaturas africanas.

pretensão, nesse breve ensaio, de examinar cada uma das literaturas africanas, o que seria impossível nesse espaço. A este trabalho caberá a ênfase no que se refere à literatura angolana e a construção de um cânone literário nesse país, além de tentar perceber como se dá a inclusão do autor José Eduardo Agualusa em tal cânone, como os críticos percebem a obra desse escritor. Não há a pretensão desse trabalho de querer esgotar essa discussão, mas sim lançar alguns questionamentos a fim de entender a forma como alguns críticos estão vendo a construção desse cânone..

No âmbito da literatura angolana, o que se percebe é uma determinação do foco da crítica literária naquela literatura que embasou a constituição da história desse país. São consideradas, em grande medida, aquelas obras que retratam o ambiente de lutas e batalhas por um país independente e senhor de sua história. A prevalência que se observa é sempre do enfoque na questão da tradição, dos mitos, das histórias orais e das crenças e valores de uma angola ancestral. Há um ranço de alguns críticos quanto a obras que não retratem ou que já se distanciaram desse panorama da tradição. Além disso, há uma crítica à questão da criouldade, ou seja, da mistura de raças que comporia angola. Essa percepção de Angola como uma nação crioula tem suscitado muitas críticas, no que diz respeito à questão da mistura étnica como um consenso de algo positivo e que traria benefícios. Nesse ponto, os opositores dessa criouldade, como o escritor Agostinho Neto e o sociólogo Victor Kajibanga, afirmam que essa forma de aceitação de uma criouldade como algo benéfico, neutraliza toda a opressão e exploração racial que essa mistura constituiu para a história angolana. Noutra vertente, estão historiadores como Marcelo Bittencourt e o escritor angolano José Eduardo Agualusa, que defendem a questão da criouldade em Angola.

Antes de mais nada, devemos esclarecer que o termo crioulo faz referência a uma mestiçagem do tipo cultural, ou seja o crioulo a que iremos nos referir tanto pode ser um indivíduo negro, como branco ou mulato. É a presença de elementos de cultura africana e europeia lado a lado no seu comportamento que o irá caracterizar como crioulo. O mestiço, do ponto de vista racial, não necessariamente será um crioulo, pois ele poderá não assumir tal inter-penetração de valores. Portanto, a noção de crioulo não está ligada à cor da pele. (BITTENCOURT, 1996, p. 148)

Em uma entrevista a um jornal de Angola, José Eduardo Agualusa mostra-se também adepto do lema da criouldade angolana.

Culturas crioulas são culturas mestiças. Entre nós há culturas mestiças centenárias, euro-africanas, em cidades como Luanda ou Benguela. Mas se você pensar bem terá de concordar que mesmo o tocoísmo, por exemplo que eu já vi referenciado como exemplo de genuidade africana, é uma manifestação tipicamente crioula. Simão Toco apropriou-se de uma religião, o cristianismo, que chegou a Angola nas caravelas portuguesas e transformou-a. É exactamente isso que fazem as sociedades crioulas. (AGUALUSA, 2008)

Também se pode destacar que Agualusa utiliza essa maneira de pensar na sua escrita, uma vez que constrói um livro intitulado *Nação Crioula*, em que Fradique Mendes escreveria cartas a uma ex-escrava angolana. Adepto de tal concepção, Agualusa assevera que Luanda seria constituída pela concepção de uma criouldade não de raça, mas cultural como esclarece Marcelo Bittencourt.

Assim, aceitar essa criouldização seria aceitar que Angola recebeu influências de outros povos em sua composição. A história angolana é marcada por guerras, perseguições, governos inventados pelo colonizador europeu, dentre outras mazelas. Nesse contexto de muitas rivalidades e ressentimentos é possível perceber que muito se tem que destecer a teia da história literária angolana. Se, para alguns, ser angolano é ser crioulo, para outros não é. Partindo desse único conceito de crioulo já se obtém dissidências quanto à formação de um cânone literário e a escrita de uma história literária. Ser adepto desta ou daquela forma de ver Angola, crioula ou não, demonstra adesão a um pensar político que é anterior à independência desse país; é fazer um percurso por seus grupos de resistência ao colonizador que foram a UNITA, a FNLA, o MPLA, sendo os dois primeiros extremamente regidos pela questão étnica e, por isso, muito mais radicais, enquanto que o MPLA se caracterizou por conter em suas frentes o crioulo.

Hoje, o que se observa nas discussões da literatura angolana é a manutenção ou não de tal criouldade. Aqueles que a defendem vêm determinadas obras com olhar diferente daqueles que não aceitam tal conceito. Isso posto, pode-se observar que a formação de um cânone literário passa, com certeza, nesse contexto, por questões de ordem política, conforme afirma Siegfried Schmidt (1996). Esse é um aspecto a considerar e se questionar na ordem da escrita desse cânone angolano, bem como não se pode esquecer que é sempre subjetiva a forma como se elegem obras para fazer parte de um cânone. Dessa forma, aquele que se detém a escrever, a eleger um cânone, coloca ali todos os seus pertencimentos como indivíduo que se faz no mundo. Logicamente, ser adepto desta ou daquela visão de mundo interferirá na construção de um cânone literário.

Cientes desse contexto angolano, podemos inferir na forma como se dá uma participação de um escritor como Agualusa em um cânone literário desse país. Pois, se nos guiarmos por um pensamento como o de Luís Kandjimbo, que vê essa vertente da criouldização como algo ultrapassado e sem sentido, que não condiz com a realidade angolana, teremos uma concepção de cânone que não irá prestigiar a obra de Agualusa. De outra forma, se observarmos o que dizem leitores da obra desse autor nos sites que tratam de literatura e cultura de Angola, veremos comentários positivos e sobre a aceitação da obra desse autor

pelos leitores. Isso vem ao encontro da visão que se tem da obra desse autor no contexto brasileiro. Aqui, José Eduardo Agualusa é um dos autores mais prestigiados em eventos e publicações, tendo seus livros entre os mais vendidos das literaturas africanas. Ao lado de Mia Couto, escritor moçambicano, Agualusa é visto como um dos africanos mais lidos no Brasil. Esse fenômeno não pode passar em branco quando da feitura de um cânone literário de um país como Angola, que quer se firmar e quer ser visto pelo restante do mundo como uma comunidade com identidade própria. Para esse fim, vemos a literatura de José Eduardo Agualusa como difusora de um modo de ser angolano que não se agarra a um passado idealizado, mas que percebe esse passado e se lança para o futuro certo de que está alicerçado pela história que já construiu.

Atualmente, já se fala em um cânone tacitamente estabelecido em Angola.

tacitamente já existe um cânone literário angolano. Alguns dos angolanos mais esclarecidos sabem quais são os autores angolanos que conformam a nossa tradição literária escrita, que tem já um século existência. E da literatura oral temos igualmente referências dos textos mais representativos. (KANDJIMBO, In: UEA)

Já existem publicações nesse sentido, haja vista a de um acervo de vinte e quatro obras, organizadas e publicadas com o incentivo da Odebrecht, intituladas Biblioteca de Literatura Angolana pré e pós-independência, que se constituem, de certa forma, num cânone literário angolano. Mas de que forma foram escolhidas as obras que compõem tal acervo? Quais foram os critérios utilizados para a formação dessa “biblioteca”? Essas são algumas das questões que devem ser levantadas a respeito.

A visão sobre em que momento pese na história da literatura angolana a escrita de José Eduardo Agualusa é a questão fulcral desse trabalho. O referido autor tem sua obra traduzida e difundida em diversos países, como Estados Unidos e França, além daqueles que fazem parte da comunidade de língua portuguesa. Sua obra estrutura-se numa vertente mais ligada a uma visão de um mundo globalizado, em que autor e leitor se percebem como cidadãos de um mundo globalizado. Os livros de Agualusa não se mostram fechados nas questões da tradição angolana, mas retratam estas dentro de um contexto que pode ser percebido tanto em Angola como nos Estados Unidos. A leitura de seus textos não pressupõe, para que consiga entender a mensagem, um leitor iniciado na cultura de Angola; bem como não há uma pressuposição de que somente angolanos poderão e deverão ler suas obras, mas sim uma consciência de que o fazer literário é um movimento pelo estar no mundo. Sua obra volta-se sempre para o contexto angolano e resulta de suas vivências entre Portugal, Brasil e Angola, uma vez que Agualusa vive em constante deslocamento entre esses países. Ser angolano para José Eduardo

Agualusa é ser consciente de sua história, mas também participante de um mundo que se mostra sem fronteiras. É uma escrita que não se mostra com um olhar somente para o passado, mas converge para perceber o passado assimilando-o ao presente e traçando, nos seus personagens, as linhas do futuro de um povo, na medida em que tem um olhar atento para as obras já escritas em seu país e em outros, mas, ao mesmo tempo, não se deixa guiar pelo passado. Além disso, constrói narrativas que denotam uma intertextualidade com a história já constituída, com outros autores da literatura angolana, mas que avança para além do que já escreveram criando um lugar próprio do seu dizer.

Literatura não é simplesmente linguagem; é também vontade de figuração, o motivo para metáfora que Nietzsche certa vez definiu como o desejo de ser diferente, o desejo de estar em outro lugar. Isso significa em parte ser diferente de si mesmo, mas basicamente, creio, ser diferente das metáforas e imagens das obras contingentes que são nossa herança: o desejo de escrever grandiosamente é o desejo de estar em outra parte, num tempo e lugar nossos, numa originalidade que deve combinar-se com a herança, com a ansiedade da influência. (BLOOM, 1995, p.20)

Assim, a forma como esse autor será colocado dentro da história literária angolana e dentro de um cânone angolano deixará transparecer as adesões ideológicas de quem estiver a escrever esse cânone ou essa historiografia literária. Isso se pode afirmar tendo como base o que diz Leyla Perrone-Moisés sobre o discurso histórico: “Qualquer discurso histórico implica questões de avaliação, na medida em que qualquer levantamento ou relato é obrigatoriamente uma seleção de dados.” (PERRONE-MOISÉS, 2003, p.26).

Popularmente, a visão que se tem do continente africano fora dele é de uma terra em que não há desenvolvimento e seus habitantes vivem numa forma comparável à pré-histórica. Nesse sentido, textos literários como os de Agualusa chocam-se com esta visão deturpada de África, pois mostram que existe desenvolvimento nesse continente, que há contrastes entre desenvolvimento e subdesenvolvimento, nos países africanos. Assim, desestabiliza seu leitor e desfaz visões pré-concebidas desse continente. Faz referência a fatos históricos, retoma mitos da tradição, mas sem se tornar hermético e incompreensível ao seu leitor; pelo contrário, tece seus textos de forma que esses mostrem Angola e sua história através de uma escrita criativa, que denota através da conotação. Claramente, percebe-se na forma de escrever desse autor angolano o que Luiz Costa Lima, ao analisar os textos de estética da recepção, mais precisamente os de Iser, relata sobre a questão dos vazios que devem ser preenchidos pelo leitor e as projeções que este deve fazer quando da leitura do texto.

A comunicação entre o texto e o leitor fracassará quando tais projeções se impuserem independentes do texto, fomentadas que serão pela própria fantasia ou pelas expectativas

estereotipadas do leitor. Ao invés, a comunicação de êxito dependerá de o texto forçar o leitor à uma mudança de suas “representações projetivas” habituais. (LIMA, 1979, p.23)

Ainda se pode acrescentar o que diz Hans Robert Jauss sobre a forma como uma obra literária deve surpreender o horizonte de expectativas de seu leitor:

A maneira pela qual uma obra literária, no momento histórico de sua aparição, atende, supera, decepciona ou contraria as expectativas de seu público inicial oferece-nos claramente um critério para a determinação de seu valor estético. A distância entre o horizonte de expectativa e a obra, entre o já conhecido da experiência estética anterior e a “mudança de horizonte” exigida pela acolhida da nova obra, determina, do ponto de vista da estética da recepção, o caráter artístico de uma obra literária. (JAUSS, 1994, p. 31)

Logo, José Eduardo Agualusa pode ser visto como participe de um cânone literário angolano na contemporaneidade. Sua escrita literária não diz, mas sugere e constrói uma maneira de ser angolano. Para que se possam analisar seus textos de uma forma a perceber essa escrita e conseguir situá-los dentro da história literária angolana, há que se ter uma percepção de que a tradição angolana se faz presente de uma forma não tão escancarada como em outros autores angolanos. Sua obra é um caleidoscópio da atual sociedade angolana.

Então, na construção de um cânone literário que abarque obras da contemporaneidade há que se perceber a presença desse autor de uma forma consistente. Isso, ao se levar em conta que sua obra, tanto como a de outros autores angolanos, é singularmente angolana pela forma como sugere essa Angola de suas raízes, traduzindo-a para vários contextos de outros países.

Hoje, já se fala na publicação de uma história da literatura angolana, prometida para estar disponível ao público a partir de 2012, o que, certamente, alavancará novas discussões sobre o tema. Logicamente, que tal história literária trará como consequência a eleição de um cânone, tornando, assim, pertinentes os questionamentos feitos durante este ensaio.

Referências

AGUALUSA, José Eduardo. *Neto é um poeta medíocre*. [on line] Disponível na Internet. URL: http://www.angoladicas.com/notices_details.asp?ID11374&a=1

_____. *Nação Crioula*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2007. 2.ed.

BITTENCOURT, Marcelo. *Revisitando a crise angolana*. [on line] Disponível na Internet. URL: Casa das Áfricas. <http://www.casadasafricas.or.br/site/img/upload/338957.pdf>.

BLOOM, Harold. *O Cânone Ocidental: Os Livros e a Escola do Tempo*. Trad.: Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

JAUSS, Hans Robert. *A História da Literatura como provocação à Teoria Literária*. São Paulo: Ática, 1994.

KANDJIMBO, Luís. *A Literatura Angola, a Formação de um Cânone Literário Mínimo de Língua Portuguesa e as Estratégias da Sua Difusão e Ensino*. [on line] Disponível na Internet. URL: http://www.ueangola.com/index.php/criticas-e-ensaios/item/58-a-literatura-angola-a-forma%C3%A7%C3%A3o-de-um-c%C3%A2none-liter%C3%A1rio-m%C3%ADnimo-de-1%C3%ADngua-portuguesa-e-as-estrat%C3%A9gias-da-sua-difus%C3%A3o-e-ensino*.html?tmpl=component&print=1

LARANJEIRA, Pires. *Literatura, Cânone e Poder Político*. [on line] Disponível na Internet. URL: <http://www.ueangola.com/index.php/criticas-e-ensaios/item/82-literatura-c%C3%A2none-e-poder-pol%C3%ADtico.html>

LIMA, Luis Costa. O leitor demanda (d) a literatura. In: JAUSS, Hans Robert, et al. *A literatura e o leitor: textos de Estética da Recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Altas Literaturas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SCHMIDT, Siegfried J. Sobre a escrita de histórias da literatura. In: OLINTO, Heidrun Krieger. *Histórias da literatura: as novas teorias alemãs*. São Paulo: Ática, 1996.

WA-ZANI. *A criouldade como doutrina e falsa teoria social*. [on line] Disponível na Internet. URL: <http://www.casafricana.net/mahamba/thread.php?postid=115>